

NATALIE COELHO LESSA

AS MULHERES DO CANDOMBLÉ E A LUTA PELO DIREITO À SOBERANIA ALIMENTAR

" Quem vive a norma acaba por interpretá-la (...)"

2011

SALVADOR

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo faremos uma espécie de mediação entre as falas das mulheres do candomblé do MST e a Constituição Federal brasileira de 1988.

Foram através de conversas e entrevistas com essas mulheres que o tema da soberania alimentar se revelou como fio condutor como possibilidade de realização dos direitos dessas mulheres. A partir daí relacionamos suas falas, opiniões, descontentamentos e reivindicações com a Constituição federal Brasileira de 1988.

Elas são a expressão real de que a soberania alimentar poderia ser um caminho para solucionar diversos problemas sociais encontrados não só na localidade em que elas vivem, mas em todo Brasil e quiçá na América-Latina.

Começamos esse trabalho escutando, portanto, fazendo o caminho inverso do que geralmente vem sendo feito nas academias. A partir daí desenvolvemos uma espécie de mediação entre um discurso de mulheres do candomblé do MST e a Constituição federal, propondo uma ponte de diálogos entre uma mulher representante de um movimento social e o direito positivado.

Realizamos uma tarefa de hermenêutica constitucional inspirada na frase de Peter Häberle (1997): “*Wer die Norm “lebt”, interpretiert sie auch mit*” – quem vive a norma acaba por interpretá-la ou pelo menos por co-interpretá-la. Aquelas mulheres poderiam não ter o conhecimento acadêmico institucionalizado, porém tinham uma infinidade de conhecimentos sobre sua própria realidade e de seus direitos muito maior do que muitas pessoas que se autodeterminam como intelectuais nos grandes centros urbanos. Para o autor:

Todo aquele que vive no contexto regulado por uma norma e que vive com este contexto, é indireta ou, até mesmo diretamente, um intérprete dessa norma. O destinatário da norma é participante ativo, muito mais ativo do que se pode supor tradicionalmente, do processo hermenêutico. Como não são apenas intérpretes jurídicos da Constituição que vivem a norma, não detêm eles o monopólio da interpretação da Constituição (p. 15).

A partir desse entendimento, a ponte foi construída numa via dupla de interpretação: 1- a interpretação da história de vida e das falas das mulheres do candomblé do MST; 2- a interpretação da constituição federal de 1988; 3- a construção da ponte de diálogos entre as duas interpretações e os possíveis caminhos e soluções para a realidade exposta.

Segundo Häberle (1997), a interpretação da constituição não é um evento puramente estatal, porque a esse processo tem acesso potencialmente todas as forças da comunidade política, afinal a interpretação constitucional diz respeito a todos. Diante dessa amplitude interpretativa, se realiza a democracia. Quanto mais plural e aberta forem as possibilidades de interpretação, mais sujeitos poderão ser contemplados pela própria constituição, porque serão eles mesmos que vão dar sentido as próprias normas ali presentes, podendo quiçá lograr um grau de efetividade superior do que em um sistema fechado que não permite a participação popular no processo hermenêutico.

No seu livro *Hermenêutica Constitucional*, Häberle ao defender a abertura do campo de interpretação, afirma que: “A ampliação do círculo dos intérpretes aqui sustentada é apenas a consequência da necessidade, por todos defendida, de integração da realidade no processo de interpretação”. Essa realidade deve estar voltada para as necessidades do povo. Segundo o referido autor:

“Povo” não é apenas um referencial quantitativo que se manifesta no dia da eleição e que, enquanto tal, confere legitimidade democrática ao processo de decisão. Povo é também um elemento pluralista para a interpretação que se faz presente de forma legitimadora no processo constitucional [...] (p. 37).

Portanto a tentativa de construir a ponte entre uma mulher sem terra e a constituição foi uma opção que derivou de um cuidado para que não ocorresse uma interpretação dissociada da realidade social. Neste caso, a realidade do nordeste, do recôncavo. Uma realidade de subdesenvolvimento e pobreza que a Constituição Federal brasileira tanto quer erradicar.

2 ESTUDO DE CASO NO RECÔNCAVO BAIANO: AS MULHERES DO CANDOMBLÉ DO MST E A LUTA PELA SOBERANIA ALIMENTAR

No VII Acampamento de Trabalhadoras Rurais e Indígenas na Bahia, realizado em Salvador em março de 2007, estiveram presentes 1.200 mulheres do MST de todas as regionais da Bahia. O tema, Soberania Alimentar foi muito debatido pelas mulheres e o principal argumento para as mulheres abraçarem essa luta foi a sua relação com a agricultura e com a terra desde a descoberta desta até os dias atuais. Conforme o entendimento de Elisabeth Badinter:

[...] a agricultura é uma invenção feminina. O homem, ocupado em perseguir os animais na caça, e mais tarde em levar os rebanhos para o pasto, quase sempre estava ausente. A mulher, pelo contrário, segura de sua tradição de coletora, tinha a oportunidade de observar os fenômenos naturais da sementeira e da germinação. Era normal que ela tentasse reproduzi-los artificialmente (BADINTER, 1986, p. 60).

Afinal a mulher é quem está até os dias de hoje no ambiente privado e por isso cuida e zela pelas atividades relativas à alimentação e plantio. Discutiu-se muito sobre respeito da mulher indígena e de como elas seriam um bom exemplo e espelho para com o cuidado com a terra, seu amor à ela, da fé em tupã, da mãe terra¹, mas pouco se falou sobre a mulher negra e sua cultura, sua fé e sua relação com a terra. No VIII acampamento em 2008, foram discutidas as mesmas questões, porém com uma ênfase maior à questão da sustentabilidade ambiental do planeta.

A ligação que os seres humanos têm com a terra se expressa através dos alimentos e é através dos hábitos alimentares que se percebe a formação cultural e a riqueza de cada povo. É na alimentação que reside muitos segredos de saúde, cura e prevenção de doenças.

Segundo Warat em conferência no ano de 2007, não adianta começar com o que não se sabe, temos que começar com o que cada um sabe. Foi a partir desta simples e brilhante idéia que pensamos que a soberania alimentar poderia se fortalecer a partir do momento em que fossem escutadas as mulheres do candomblé do MST. Afinal elas são testemunhas de que a luta pela terra e a espiritualidade fazem parte da conquista e da preservação da soberania alimentar.

A cultura é considerada pela legislação um bem imaterial para sociedade brasileira e é inerente à dignidade da pessoa humana. A experiência social e cultural em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que a tradição científica ou filosófica ocidental-capitalista conhece e considera visível em suas leis e meios de comunicação. Para combater as invisibilidades das experiências do terceiro mundo e para dar credibilidade aos movimentos alternativos é necessário propor um despertar de consciência histórica, econômica e cultural da América Latina. A característica mais fundamental na concepção de racionalidade ocidental é relativa ao tempo, contraindo o presente, expandindo o futuro e esquecendo o passado (SANTOS, 2000).

¹ Para a cultura mítica ancestral a terra é ventre maior de onde vem todo alimento e gera toda vida. A mãe terra dá a vida e é análoga à mulher em sua natureza.

Um dos objetivos desse trabalho é expandir o presente escutando a história oral² da região por essas mulheres, trazendo a tona da sociedade, experiências de vida e de convivência de uma cultura geralmente invisível, por preconceito, por falta de sensibilidade e ignorância. A oralidade permeia toda cultura negra e as experiências de vida de cada pessoa.

A metodologia utilizada nesta parte do trabalho consistiu em, num primeiro momento, em conhecer as principais cidades do Recôncavo e festas ligadas ao candomblé, conhecendo a cultura espontânea que é o objetivo do folclore. Foi utilizada a metodologia eclética com enfoque geográfico, histórico-comparativo, sociológico, funcional e de aculturação. Essa metodologia leva a analisar os complexos culturais espontâneos³.

Em outros casos foram realizadas entrevistas filmadas em visitas a terreiros, casas e assentamentos. Paralelamente a esse trabalho de campo foram realizadas pesquisas em fontes secundárias como livros e artigos acadêmicos sobre o candomblé, mulheres e os alimentos. Também foi empreendido o estudo qualitativo, utilizando o método de história de vida. A história de vida é um método em que a pessoa relata situações ou fatos que vivenciou/vivencia, sendo valorizada pelo pesquisador a visão que o indivíduo tem sobre aquele assunto. Nessa abordagem metodológica o que interessa ao pesquisador é o ponto de vista do sujeito aprendida de forma informal na vivência.

Numa resumida tentativa de interpretação superficial da história latino-americana, percebemos que as ideologias que geram as invisibilidades feminina, racial e religiosa têm seus marcos históricos mais acentuados em três fases históricas do capitalismo:

1. *Fase de acumulação primitiva do capital,*

- a) As metrópoles: Espanha e Portugal, através de legislações duríssimas, perseguem religiões que não são as oficiais do império e criam o estatuto da mulher casada⁴. Geralmente a discriminação racial estava ligada à religiosa e cultural.
- b) A expropriação sangrenta das terras do povo teve profundas implicações ecológicas e culturais.

2. *Capitalismo industrial, após Revolução Francesa*

³ Complexos culturais espontâneos: a casa, com acessórios caseiros e utensílios domésticos, a indumentária, a agricultura, a pecuária, as atividades extrativas, a religião, a música e as festas.

⁴ invisibilidade feminina é a mais antiga de todas.

- a) A mulher assume novo papel na sociedade, ela passa a trabalhar nas fábricas, mas o trabalho doméstico continua invisível.
- b) A burguesia cria teorias raciais para legitimar a exploração e perseguem os negros e suas religiões.

3. *Capitalismo globalizado*

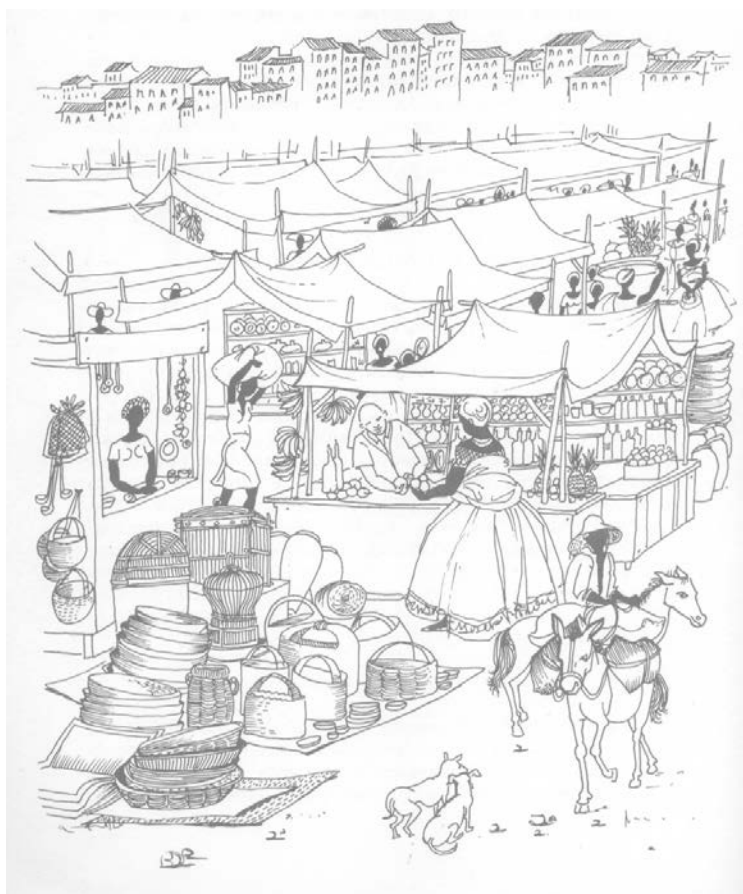
- a) A mulher na cultura de massas assume um papel de mercadoria;
- b) A cultura negra e o povo negro não têm visibilidade nos meios de comunicação;

Neste artigo abordaremos a soberania alimentar sob a perspectiva de mulheres negras do candomblé e sem terra.

Utilizamos o método de história de vida, tendo como objeto a sabedoria popular das mulheres do candomblé e do samba de roda do MST. Os objetivos foram: descrever a trajetória dessas mulheres até a chegada ao movimento, identificar a ligação do candomblé com a terra e a soberania alimentar.

O presente estudo foi desenvolvido nos Assentamentos: El Dourado e Nova Suíça no Recôncavo Baiano nas redondezas de Santo Amaro. Na obtenção dos relatos utilizamos o recurso de gravação em fita magnética (cassete), mediante prévia aquiescência das depoentes, visando garantir a fidedignidade daquilo que foi dito.

2.1 História de vida de dona Maria Adélia



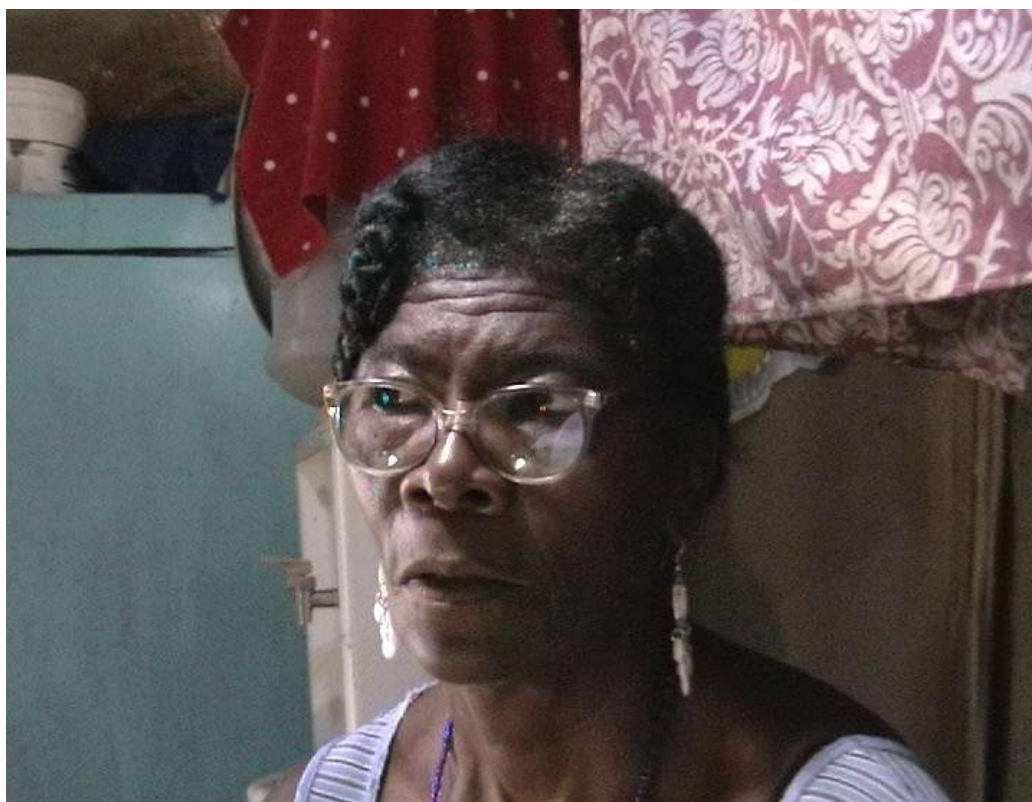
“A gente quer comprar alimento. Nós quer plantar o alimento, os povo da roça não quer comprar, quer plantar pra sobreviver. Pra quê a gente quer cana? Pra quê a gente quer gado? A gente quer é plantar raiz, pra nossos filho comer e sobreviver da raiz. Farinha, aimpim, mandioca, inhame, feijão. A gente quer é plantar aquilo que a gente vê lá que não pode que o olho enche d’água da gente vê na feira e não poder comprar pra comer. Da gente enxergar lá, ficar no sentido, chegar em casa e morrer de fome. Nós não quer viver assim, por que a gente sabe plantar, a gente tendo a terra, é melhor do que a gente pegar e pedir, roubar nós nós não vai fazer isso, então se Deus deu a força e a coragem pra trabalhar, nós quer plantar, nós quer a terra, que o governo tenha pena da gente, que enxergue mais pro lugar pobre, por que nós quer é terra pra trabalhar, nós quer é terra pros nossos filhos sobreviver, pra ensinar, dar trabalho aos nossos filhos, trabalhar pra não tá enchendo a cabeça de droga lá fora e pensando o que não presta”⁵.

5 Trecho extraído de entrevista com Dona Maria Adélia, militante do MST do assentamento da Pitinga (El Dourado), localidade do Recôncavo Baiano nas redondezas de Santo Amaro da Purificação. Ela é do Candomblé e Sambadora (LESSA, 2008).

Maria Adélia Lima Santos é militante do MST há 13 anos, assentada em El Dourado, local mais conhecido como Pitinga. Nasceu no dia 27 de junho de 1950. Seu Pai se chamava Manuel Quirino dos Santos e sua mãe Maria Paula de Lima. Virgínio Catiano de Jesus seu companheiro e esposo faleceu no dia 20 de dezembro de 2007, “na roça”. (LESSA, 2008)

Sua casa fica localizada na beira da estrada. Dona Maria Adélia cuida da sua horta, além de cultivar muitas espécies de planta medicinais. Ela possui uma venda na sua própria casa e recebe diariamente muitos amigos e conhecidos em sua casa, não só do assentamento, mas também pessoas de fora. Ela se relaciona bem com os tocadores do samba de roda, reza as pessoas e distribui para os vizinhos e para quem pede folhas com poderes curativos.

Ao perguntar em entrevista sobre a sua história de vida ela começou contando:



Maria Adélia Lima Santos em entrevista no assentamento El Dourado em Santo Amaro.

“Nasci na pedra funda, em Cachoeira, minha família trabalhava na roça. Ia pra roça de manhã, levava panela, levava moringa, trabalhando, só vinha de tarde pra casa. Amarrava as redes no mato para criar os meninos menor, enquanto a gente trabalhava eles ficava na rede.

Cachoeira é uma cidade que tem muitos negros, de pessoas negras, é uma cidade muito boa, mas a gente morava muito distante (pedra funda), ia lá mesmo na sexta-feira santa. Minha mãe sempre gostava de ir na irmandade coração de Jesus. Ela acompanhava sempre. Lá a gente ficava assistindo o coral, aquelas

coisas, via as mães de santo, caminhava, aquela romaria, aquelas coisas bonita. Agente acompanhava e rezava. Conheci muita gente da irmandade de boa morte e conheço até hoje. Minha mãe era da irmandade coração de Jesus” (LESSA, 2008).

Cachoeira está localizada no Recôncavo Baiano e já teve alcunha de “Meca da Bahia” pela forte presença da cultura e descendentes do povo Malê⁶ na cidade, o nome se dá por se situar próxima às quedas d’água presentes na cabeceira do Rio Paraguaçu. Tinha localização estratégica que ligava o recôncavo, a capital às Minas Gerais. A cidade na Independência da Bahia em 1821 constituiu a Junta de Defesa. Cachoeira é monumento nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional – IPHAN (IPHAN, 2006, p. 25). É também a 2ª capital da Bahia, por lei (Lei Estadual nº 10.695/07), o governo estadual é transferido para a cidade, num reconhecimento histórico, pelos feitos da cidade ao Brasil.

No Brasil, as irmandades (confrarias) de negros estão na origem do sincretismo religioso dos cultos afro-brasileiros como o Candomblé. As festas religiosas e procissões eram um momento de convívio social, sobretudo para as mulheres, que viviam restritas ao ambiente familiar. As procissões eram o ponto alto para os membros das irmandades: cada uma tinha sua vestimenta, cores e estandartes que lhe davam reconhecimento interno e externo (*ibidem*, p. 27).

A possibilidade de reunir-se oficialmente em confrarias congregadas por etnia permitiu aos negros a vivência do culto africano: dentro das igrejas, cultuavam os santos católicos e fora dela, seus orixás. Nas festas dos santos e santas das irmandades dos homens pretos e pardos, as tradições africanas se manifestavam. As irmandades eram e são manifestações do sincretismo religioso desde o período colonial⁷.

2.2 Saída de casa, trabalho na cidade e volta ao campo

“As filhas foram casando e se espalhando, saímos da cidade de Pedra Funda. Eu fui pra Salvador trabalhar em casa de família, trabalhei uns tempos em casa de família, mas eu já tinha aquela saudade da roça, já acostumada se sentir algumas coisa pegar uma folha

6 A expressão Malê, derivada do iorubá "imale", era o termo usado para designar os negros muçulmanos que sabiam ler e escrever em árabe. Eram muitas vezes mais instruídos que seus senhores. No Brasil, foram os responsáveis pela chamada Revolta dos Malês. Eram encontrados na Bahia em maior número, Pernambuco, Alagoas e Rio de Janeiro, não eram submissos e eram muito ativos. FARELLI, Maria Helena. *Malês: os Negros Bruxos*. São Paulo: Madras, [s.d]. 96 p.

⁷ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Confraria>. Acesso em 8.03.2010.

fazer um chá e ficar boa. E aí ficou difícil, na cidade grande, ficou difícil, muito difícil pra mim. Eu trabalhei na Barra⁸. Depois voltei pra roça novamente, fui pra São Brás, cheguei na maré e fiz uma casinha no mangue. Voltei sem dinheiro da cidade. Eu mariscava, vendia os mariscos, catava ostra e mandava vender e com o dinheirinho ia comprando lona, fazendo a casinha na beira da maré”⁹ (LESSA, 2008).

Se Dona Adélia trabalhava como marisqueira, e na Bahia, segundo cartilha da Superintendência de Recursos Hídricos: Justiça pelas águas: enfrentamento ao racismo ambiental, 2008, a carcinicultura em larga escala é uma das atividades que, nos últimos anos, vêm agravando o quadro de injustiça ambiental relativo às populações extrativistas, isto é, pescadores e marisqueiras da zona costeira do Estado.

Os manguezais são os alvos preferenciais dos produtores, uma vez que aí se encontra uma proporção de água doce e salgada ideal para o crescimento das pós-larvas. Os tanques são preenchidos com grandes quantidades de ração e hormônios para a engorda e antibióticos indispensáveis para impedir o alastramento de epidemias. Esses produtos são vendidos por empresas de grande porte dos ramos químico, farmacêutico e alimentício e possibilitam até três ciclos produtivos de 90 dias - ano, garantindo uma produção praticamente ininterrupta às fazendas. Quando os camarões atingem o tamanho comercial, os tanques são esvaziados e os camarões conservados com a substância *metabissulfito de sódio*, cuja manipulação inadequada e inalação vêm causando doenças respiratórias e óbitos em trabalhadores nos locais onde as fazendas se instalaram (SRH, 2008, *apud* LEROY; ARAÚJO; ARAÚJO, 2004).

Dona Maria Adélia expressa uma grande vontade de aprender a ler, pois mesmo tendo conquistado a terra e possuindo a sabedoria do Candomblé não teve a oportunidade de ir para escola, pois desde cedo teve que trabalhar. Ela repete a importância de estar na roça, afirmando que os Orixás gostam do que está na roça. No candomblé cada Orixá tem um prato de comida predileto, sendo obrigação dos filhos e filhas de santo preparar os seus pratos com maestria.

8 Bairro de classe média-alta na situado na cidade do Salvador-BA.

9 Muitas mulheres do MST antes de ingressarem no movimento, trabalharam antes nas grandes cidades como domésticas, depois retornando para o campo.

“Eu não tenho usura de nada nesse mundo, mas é uma coisa só que eu queria, era olhar pro papel¹⁰ e saber o que eu tô fazendo. Força Jesus me deu, terra a Reforma Agrária me deu, conhecer as folhas o candomblé me deu. [...] Tudo que eu peço a Senhor Ogum ele me dá, então Ogum é um Santo que... eu não quero tá na cidade eu quero é estar na roça, por que o que ele gosta está na roça, é raízes e eu tô aqui pra plantar. Enquanto deus me der forças e ele me ajudar. Ogum é mais do mato ele não gosta do mato. Uma pessoa que é de Ogum o cordão dele é muito cumprido, não é tudo mundo que gosta da pessoa de Ogum. Só que ele é um santo guerreiro. Tem coragem” (LESSA, 2008).

2.3 Ingresso no MST

A seguir Dona Maria Adélia narra como ingressou no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST):

“Quando foi um dia de sexta-feira santa chegaram lá em casa falando que tinha um bocado de casinha aqui na rodagem. Ai eu larguei as coisas lá e saí correndo, xô¹¹ vê [...] se é pra fazer casa e tem terra eu vou lá! Eu vou plantar um pouquinho, pra eu ter minhas coisas, minhas folhas de remédio, minhas coisas, saí e vim. Quando eu cheguei aqui a turma me apoiou. “Não Dona Delha, fique, é bom a gente vai, o governo dá a terra pra gente trabalhar, plantar e dá também a casa pra gente morar.” Ai eu cheguei e fiquei. Ai foi onde começou a fazer os coletivos, fazer o barraquinho de lona, fazer as estradasinha de pau, por que dentro da lama a gente não podia pisar, que a lama era muito funda e era aquele vatapá, lama como não sei o quê. massapê ruim de pisar a lama dava no meio da perna. Ai a gente começou a ir pro Bambu, cortar aqueles pau de bambu, botar no caminho pra fazer o caminho. Ficamos quase um ano assim, dentro da lama, sofrendo, quando chovia o vento tirava as lona tudo em cima da casa, a gente ficava tudo em pé assim sem saber o que fazia com as panela na mão e as coisas tudo molhada assim. As coisas perdendo tudo. Era documento, a roupa, tudo assim naquele mal trato, naquele abandono, que só Deus para ter misericórdia dessas coisas assim. Quando eu vim pra aqui já tinha ocupado, vim nesse meio nessa emergência mesmo, mas depois que eu tava aqui foi que eu saí pra vários lugares para ocupar também mais o povo. Já fiz umas três ocupações. Os outros fez a ocupação pra mim e por isso também eu tinha que fazer pros outro. Fiz na Ibiara e no Brejo” (LESSA, 2008).

Esses relatos deixam transparecer as condições precárias e as dificuldades enfrentadas por ela ao longo de sua vida mesmo depois de ter adquirido a terra. Demonstra a luta que uma mulher empregou ao voltar da capital para a terra de origem para plantar seus alimentos, construir sua casa e poder vivenciar suas tradições.

10 Segundo Relatório da FAO em 2001 (Informações sobre a mulher no meio rural): 59% das mulheres não sabem ler ou escrever e 18% sabem apenas ler e escrever o próprio nome. Enquanto à escolaridade 73% das mulheres estudou e parou, 20% estão na escola, 59% pararam no ensino fundamental, 7% nunca frequentaram uma escola, 25% não tem nem o primário completo, apenas 21% concluiu o ensino fundamental, somente 16% concluíram o ensino médio, apenas 6% ingressaram num curso superior e destas somente 3% concluiu o mesmo, só 1% tem pós-graduação. IN: (Construindo novas relações de gênero - desafiando relações de poder) - setor Nacional de Gênero - MST, julho de 2003, SP, p. 81).

11 Xó= deixe= vou

2.4 Plantação de cana, terras e fome no Recôncavo

Nesta parte da entrevista, Dona Maria Adélia relata como a plantação de cana-de-açúcar gerou subdesenvolvimento para região do Recôncavo Baiano:

“No meu interior nós vivia de maré¹² e de roça, só que começou a passar muita fome, por que a fazenda era grande, mas o dono vendeu pra outro, daí eles saíram alugando aquele pedacinho de chão pra cada um que morava lá, ficou ainda aquele pedacinho de chão, pequenininho que não planta nem um pé de pimenta. Ai fez o que agora, as crianças com fome, sem ter nada vida pra comer, sem poder plantar, que não tem terra, tem meio mundo de pasto de animal, tudo é tomado em pasto de criar animal, capinera. Não tem um pedaço de chão pro povo plantar, tá todo mundo com fome. E mal da gente se não fosse essa reforma agrária, por que eu tô aqui, eu saí de lá vim pra aqui, tive coragem, fui guerreira, de sair, me entendi que não mereço passar fome não, por que eu trabalho, tenho minha liberdade, tenho meu pedacinho de chão que o MST correu atrás e adquiriu pra me dar. E meus irmãos e minhas irmãs lá fora que não tem? Nada, tão tudo lá passando fome, eu é quem mando do meu pra dar pra eles. Lá só tem cana. As terras tudo boa só tem cana. É cana que você começa daqui do caminho de cachoeira até Santiago do Iguape. De Cachoeira a Santiago do Iguape, só enxerga cana e pasto de gado e os povo morrendo de fome, por que os trabalhador, os grande já não quer mais que os pequeno trabalhe. Nem povo mais é [...] as máquina é quem corta as cana, elas mesmo panha, elas mesmo transporta, elas mesmo faz tudo e os pobre fica sem fazer nada. Tudo assim na estrada morrendo de fome. Se for pedir não pode” (LESSA, 2008).

No relato podemos perceber o problema da fome que atinge até mesmo as crianças (futuras gerações) e que agora o gado ocupa as terras que antes serviam como áreas de plantio. A alimentação é um Direito Fundamental do ser humano, inerente à dignidade da pessoa humana e foi inserido na Constituição Federal através da emenda constitucional n. 64 de 4 de fevereiro de 2010.

A liberdade para Dona Maria Adélia só pode ser conquistada com a terra, porque é dela que pode tirar tudo o que precisa para viver e ter sua autonomia, plantando os alimentos, sem precisar comprá-los e assim conquistando a soberania alimentar.

A degeneração do espaço é vedada pela Carta Magna que assegura a regra do desenvolvimento sustentável. Esse princípio está previsto no art. 225 da CF e se refere ao dever da coletividade e do Poder Público de preservar o meio ambiente para as presentes e

¹² As populações costeiras têm a sua vida tão intimamente ligada à vida do mundo aquático que vivem quase dentro d'água. São verdadeiras populações anfíbias, nem da terra nem da água, mas de uma zona de solo instável, formado pela permanente mistura dos dois elementos.

futuras gerações. A territorialidade não expressa somente a noção de propriedade, mas principalmente o patrimônio cultural que abarca a história de um povo, a sua formação, cultura e, portanto, os elementos identificadores de sua cidadania que por sua vez é um princípio fundamental da República Federativa do Brasil.

É relatada também a importância da reforma agrária e o orgulho que ela tem de si mesma quando se autodetermina como uma guerreira que lutou pela sua liberdade ao conquistar seu território e portanto sua parcela de soberania alimentar e cidadania. Ela concluiu sua fala discorrendo sobre o problema da monocultura de cana na região que atualmente nem mesmo emprego gera para os trabalhadores, pois já existem máquinas que cortam a cana de forma eficiente.

Para Capella (2002) a maquinização do campo, promovida pela terceira revolução industrial culminou numa minoração brutal da força de trabalho. A computação fez possível confiar a máquinas todo tipo de tarefas rotineiras, tanto materiais como intelectuais, e diminuir drasticamente a intervenção humana direta. Nas palavras do autor: “A cultura camponesa ficou liquidada com a industrialização do campo; o velho saber agrícola transmitido de geração em geração se acha em transe de desaparecer” (p. 253)



O prato vazio é um instrumento do samba de roda e ao mesmo tempo expressa a fome no Recôncavo Baiano promovida pela monocultura da cana-de-açúcar.

2.5 Apresentação de Maria Casca de Bala

Dona Maria da Conceição Silva, mais conhecida como Maria Casca de Bala, nasceu no dia 02.07.1954 em Santo Amaro. A cidade de Santo Amaro (antiga Santo Amaro da Purificação) é um município brasileiro no estado da Bahia, na mesorregião Metropolitana de Salvador e microrregião de Santo Antônio de Jesus. A cidade é o centro de um município com 486 km² de área e uma população de 58 414 habitantes (2000), o que dá uma densidade demográfica de 120,2 h/km². Foi fundada em 1557, tem sua história ligada ao Engenho Sergipe do Conde, o "rei dos engenhos reais de cana-de-açúcar", foi elevada a vila e município em 1727. Tornou-se cidade em 1837 juntamente com a cidade irmã de Cachoeira-BA¹³.

Dona Maria tem cinco filhos e estudou até a quarta série do ensino primário. Antes de ingressar no MST trabalhou na empresa de ônibus Verde-Mar. Mora do Assentamento de Nova Suíça.

“Eu sou uma guerreira, eu me acho uma guerreira, tem uma mata enorme, eu sempre enfrentei sozinha, joguei minha lona preta e morava lá sozinha. O pessoal se admirava, aí começaram a me chamar de Maria Casca de Bala, porque eu sou assim. Agora eu já estou mais velha. [...] Eu não tenho medo de trabalho. O que um homem faz, o que uma família faz, eu faço só [...] A minha família já vem da origem do candomblé. A minha mãe era do candomblé, hoje em dia falecida. Eu também vim junto, ali, dentro do Candomblé também. cheguei a vir pra qui para fazer uns assentamentos de orixás, caboclos e gira”¹⁴ (LESSA, 2008).

Tanto Dona Maria Adélia quanto Maria Casca de Bala se denominam guerreiras e corajosas por terem conquistado suas terras. No relato acima, percebemos que o candomblé vem de seus antepassados e que ela como iniciada, tinha como objetivo, ao conquistar sua terra, fazer assentamentos de orixás, caboclos e gira. Os orixás são guardiões dos elementos da natureza¹⁵.

¹³ [http://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_Amaro_\(Bahia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_Amaro_(Bahia)) Acesso em: 04. 10. 2010.

¹⁴ Sua característica principal é ser uma pombajira festeira adora festas com ritualísticas e alegria, daí ser chamada de rainha do candomblé. Prefere bebidas suaves, vinhos doces, licores, cidra, champagne, anis, etc. Gosta de cigarros e cigarrilhas de boa qualidade, assim como também lhe atrai o luxo, o brilho, o destaque, as flores e os perfumes, usa sempre muitos colares, anéis, brincos, pulseiras, etc. (Wikipédia, a enciclopédia livre).

¹⁵ Sobre os Orixás será mais explicado nos capítulos posteriores.

Quando ela relata sobre assentamento de orixá significa, segundo Ligiéro (2001, p.12), a criação de um terreiro de Candomblé, o que implica o assentamento do Axé¹⁶. Essa é uma tarefa longa, que inclui uma complexidade de etapas e rituais, tais como: a preparação das pedras sagradas, o plantio de árvores sagradas e o assentamento dos axés específicos de cada Orixá.

Foram com essas duas mulheres que dialogamos para construção do trabalho. São mulheres muito fortes e de muita fé. Tivemos a oportunidade de conhecer outras mulheres, porém não com tanta profundidade.

3.1 O CANDOMBLÉ E O ALIMENTO



¹⁶ De acordo com a tradição religiosa iorubana, o Axé é compreendido como energia vital, verdadeira presença de Deus nas forças e formas de natureza, assim como no interior dos seres humanos. Em sânscrito é equivalente ao *Prana*.

A interferência do negro no sentido de melhorar o padrão de nutrição do Nordeste fez-se sentir ainda, mais do que no campo da produção em escala econômica, através da introdução feliz de certas plantas africanas e do uso de certos processos culinários que se mostraram excelentes no aproveitamento dos recursos alimentares da região. É a contribuição da cozinha africana, dos processos culinários desenvolvidos pelas cozinheiras negras do Nordeste, principalmente do recôncavo da Bahia, dando lugar à hoje tão famosa cozinha baiana. Famosa não somente pela excelência dos seus temperos, pelo sabor dos seus quitutes, mas também, como demonstraremos mais adiante, pelos corretivos que as suas criações culinárias encerram, capazes de entrarvar o aparecimento de várias avitaminoses q que estariam irremediavelmente expostas as populações locais, pelo uso dos alimentos preparados exclusivamente à maneira européia (CASTRO, 2001, p. 117).

O Candomblé tem uma alimentação de acordo com o período da vida religiosa que está passando e cada pessoa tem sua alimentação de acordo com o Orixá de quem é filho, é ele quem determina o que deve ser ingerido ou não. Cada alimento tem uma essência, assim como cada Orixá e assim como cada pessoa. Os alimentos têm o objetivo de trazer os Orixás para vida cotidiana, incorporando aquelas substâncias, por outro lado é necessário observar as quizilas¹⁷ alimentares de cada um. Azeite de dendê não se oferece a Oxalá, assim com mel é vedado para quem é de Oxóssi e o carneiro não pode entrar nos espaços dedicados a Iansã. (BASTIDE, 2001). Segundo Dona Maria Casca de Bala os orixás precisam ser alimentados porque trabalham.

Abaixo segue uma tabela com os alimentos prediletos dos orixás:

Orixás	Alimento
Oxalá (o grande deus)	<i>Abarás, açaças</i> , bolinhos de milho brancos envolvidos em folha de bananeira. Para ele é indispensável ter uma alimentação sem sal e sem pimenta, porque é o deus da bondade e da doçura.
Oxum	<i>xinxim</i> de galinha, uma mistura de todos os miúdos da ave com farinha de mandioca.
Xangô	<i>amalá</i> feito de quiabos, camarões e azeite-de-dendê.
Ogum	prefere os guisados de carne de boi.
Iansã	caruru de arroz ou o angu de mandioca, com <i>acarajés</i> .
Omolu	<i>acaçá</i> , o <i>orobô</i> e pipoca
Oxossi	<i>axoxôs</i> de milho
Oxumaré	<i>Guguru</i>
Iemanjá	manjar branco, <i>acaçá</i> , peixe de água salgada, bolo de arroz, <i>ebôya</i> , ebô e vários tipos de <i>furá</i> .

Fonte: Tabela estabelecida com a ajuda de informações pessoais, dados recolhidos em várias obras de Édson Carneiro e Roger Bastide.

17 Proibições.

A respeito dos *Ajeuns*¹⁸ para Ogum tem que dar inhame passado no fogo com palitos em cima do inhame descascado. Iansã come o acarajé e o acará. Oxossi come milho com coco descascado. Obaluaiê¹⁹ gosta de flor, milho torrado, pipoca. A respeito da pipoca escreveu o cronista Rubem Alves²⁰:

Lembrei-me do sentido religioso da pipoca. A pipoca tem sentido religioso? Pois tem. [...] Lembrei-me, então, de lição que aprendi com a Mãe Stella, sábia poderosa do Candomblé baiano: que a pipoca é a comida sagrada do Candomblé. [...] E o que é que isso tem a ver com o Candomblé? É que a transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação porque devem passar os homens para que eles venham a ser o que devem ser. O milho da pipoca não é o que deve ser. Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro. O milho da pipoca somos nós: duros, quebra-dentes, impróprios para comer, pelo poder do fogo podemos, repentinamente, nos transformar em outra coisa – voltar a ser crianças! Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo. Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre.

Para Bastide (2001, p. 333), a cozinha dos Orixás transformou-se em cozinha baiana. E isso porque as cozinheiras empregadas pelos brasileiros nas casas dos senhores e nos sobrados eram, em geral, filhas dos deuses. Assim, elas enriqueceram a cozinha européia com os pratos mais apetitosos e deliciosos, para todos aqueles que sabem apreciar a boa mesa. A importância da alimentação dos deuses não teve apenas uma influência na comida regional de uma parte do Brasil; ela também exerceu uma influência, e igualmente importante, na própria estrutura do candomblé. É uma das filhas-de-santo que prepara as oferendas. Ela é particularmente escolhida e supervisionada pela mãe-de-santo para essa função e que se chama *iabassê*²¹. Em sua fala abaixo Dona Adélia decorre mais sobre os alimentos dos Orixás:

¹⁸ Pratos referentes às oferendas necessárias aos Orixás.

¹⁹ Toda segunda-feira dia de Obaluaiê nas escadarias da igreja de São Lázaro (santo católico com o qual é sincretizado) na cidade do Salvador tem banho de pipoca. Omolu-Obaluaiê é o Orixá das Doenças e da Cura. Deus da Varíola, das epidemias em geral. Causa doenças e também as cura, sendo considerando o médico dos pobres. Ele conhece os mistérios da morte e do renascimento. Vive todo coberto de palhas para ocultar as feridas (LIGEIRO, 2000, p. 74)

²⁰ O texto acima foi extraído do jornal "Correio Popular", de Campinas (SP), onde o escritor mantém coluna bissemanal.

²¹ Daí, talvez, a importância assumida pelas mulheres nos candomblés do Brasil.

”Quem tá na cidade não sabe o que é terra. Se eles forem rezar um São Cosme na cidade eles não sabem que São Cosme precisa de azeite. Dendê²² ocupa muita terra, só dá pra ter um pé ou dois. E um pau que suga muito o alimento, pra botar aqueles cacho lá em cima ele enfraquece muito a terra. Se for rezar um santo lá fora eles tem que ter quiabo, tem que ter castanha, tem que ter amendoim, tem que ter azeite, tem que ter tudo e isso tudo depende de terra. E essa terra não é todo mundo que sabe andar nela e nem trabalhar nela, só nós mesmo, por que somos filhos daí, criado ai, tudo que a gente faz é com a terra e as mãe-de-santo, se elas tem comida pra fazer lá dentro que nem Ogum que precisa de inhame e elas precisa de todos os frutos pra dar comida aos caboclos, não tem caboclo que não precise de comida, todos eles precisa e cada caboclo tem uma fruta, não é todos que quer a mesma, cada um tem um. Então tem que ter terra pra plantar, que é pra quando for nessa época que a gente for festejar a gente ter pra dar, por que a gente recebe, nós tem que dar. Por que é dando que se recebe. Se a gente tem a terra a gente planta, vai no candomblé pra fazer um pedido esse pedido ela vai pedir o quê[...] vai pedir essas raízes e ná nós, nós vai fazer como, nós vai plantar pra dar a elas lá dentro, por que sem as frutas elas não trabalha e sem as ajudas dela a gente também não trabalha por que se a gente sabe de reza, de folhas e tudo, depende do caboclo que chega e ensina a gente, isso ai é caboclo que ensina. Tem separação de folha pra não matar as pessoas, por que é assim que existe droga lá fora pra matar, botar doido, aqui no mato também tem mato que faz isso, só que pra nós não pegar errado, nós tem que esperar um caboclo chegar pra dizer que folha que a gente pega. Eu devo isso a deus e às mães-de-santo. Então tem que ter respeito. Tudo que a gente veve no mundo a gente tem que parar pra pensar e considerar as coisas, saber separar as coisas pra não machucar nem um nem outro, por que as vezes machuca uma coisa que não deve machucar. Vê o MST, pra esse povo lá fora não é nada, mas é uma grande coisa, pra mim é muita coisa” (LESSA, 2008).

A soberania alimentar para essas mulheres está diretamente ligada ao culto do candomblé, onde elas aprenderam todas as iguarias culinárias e as práticas curativas.

“Tem vezes que para fila de carro na minha porta, se é remédio que eu compro pra vender [...] eu acabado dando que não aguento ver ninguém gemendo nem ninguém sofrendo. O candomblé é uma forma de resistência do povo negro demais, sem ele nós não sobrevive não, sabe por que [...] se é o azeite, é o que eu mais faço é lutar com o dendê²³, eu gosto demais de lutar com o azeite, depende do candomblé. Foi uma coisa que a gente aprendeu lá dentro, por que não é todo mundo que sabe fazer ele, não é toda mão que poder pegar ele porque ele desmancha em água, não faz, não sobe. Não é todo mundo que faz azeite não, é preciso saber fazer. É uma coisa do candomblé mesmo. Sem o candomblé nós não sobrevive não. É o que a gente tá merecendo aqui. É filha de santo, por que aqui dentro não tem muita não” (LESSA, 2008).

22 O azeite-de-dendê, retirado do fruto da palmeira *Elaeis guineensis*, trazida pelos negros da África e bem difundida na região, é uma fonte extremamente rica de provitamina A, contendo em cada centímetro cúbico de óleo entre 1.000 e 3.000 unidades de beta-cartoteno. O óleo de dendê é obrigatório nos pratos típicos da cozinha baiana que é influenciada intensamente pelos costumes africanos.

23 O azeite-de-dendê, retirado do fruto da palmeira *Elaeis guineensis*, trazida pelos negros da África e bem difundida na região, é uma fonte extremamente rica de provitamina A, contendo em cada centímetro cúbico de óleo entre 1.000 e 3.000 unidades de beta-cartoteno. O óleo de dendê é obrigatório nos pratos típicos da cozinha baiana que é influenciada intensamente pelos costumes africanos.

Para Josué de Castro os negros são responsáveis por uma rica tradição culinária no nordeste canavieiro. O regime alimentar permitiu a formação de magníficos exemplares humanos com uma compleição atlética verificável em inúmeros desenhos da época e na impressionante resistência física do negro desafiando os fatores mórbidos que o atacavam durante as viagens mortíferas nos navios negreiros, desafiando os maus-tratos, o trabalho exaustivo no eito dos canaviais, os agentes patogênicos da fauna da nova região - insetos, vermes e protozoários. (CASTRO, 2006, p. 115).

Diante do diálogo entre Dona Maria Adélia e Dona Maria Casca de Bala, concluímos que religiosidade, a cultura dos povos está intrinsecamente ligada à territorialidade e por isso ao meio ambiente. É impossível discutir cultura popular sem levar em consideração a questão territorial e agrária. Sem o território, não é possível a manifestação cultural e a representação da identidade social da comunidade. A soberania alimentar é a expressão de identidade dos povos e efetiva-lá é também garantir a diversidade cultural e as várias formas de vida dos povos de todo o mundo; afinal cada povo tem uma relação peculiar com a terra e com o meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade agrícola dos países subdesenvolvidos é marcada por uma estrutura fundiária concentrada e um Estado incapaz de se fazer valer frente às grandes corporações transnacionais agroalimentares, ocorrendo uma inadequada regulação do que se produz para o mercado interno e o que se exporta. Essa lógica internacional contribui para aprofundar, nos países subdesenvolvidos como é o caso do Brasil, as situações de pobreza, de fome e dependência.

A luta pela Soberania Alimentar é global, mas as atuações são locais. Todos os cidadãos podem participar se informando e discutindo sobre o tema e consumindo de forma coerente com os princípios da soberania alimentar; ou seja, priorizando os produtos locais da estação e indo às feiras. Hoje se alimentar se converteu em um ato extremamente político, de consciência cidadã e não em um mero ato fisiológico. Mesmo que o sonho da realização da Soberania Alimentar à nível global não seja alcançada, isto não impede que sejam criados núcleos articulados internacionalmente e exemplos de soberania alimentar espalhados pelo mundo como focos sustentáveis de resistência e proteção ao meio ambiente através dos princípios do comércio justo e da economia solidária.

São fatores que impedem a soberania alimentar e ao mesmo tempo a efetivação do direito à alimentação previsto no art. 6º da atual Constituição Federal Brasileira: I - uso massivo de sementes transgênicas pelas grandes transnacionais; II - a desenfreada monocultura de cana-de-açúcar; celulose e soja; III - o incentivo do governo federal aos agrocombustíveis; IV - a industrialização globalizada dos alimentos; V - a privatização e mercantilização dos alimentos e dos recursos naturais; VI - a maquinização do campo que tira o espaço do trabalhador rural; VII - modelos de desenvolvimento industriais que utilizam em grande quantidade: agrotóxicos e fertilizantes; VIII - o consumo exagerado de carne, gerando devastação na floresta amazônica; IX - práticas abusivas de comércio como o *dumping*; etc. X - concentração de poder e de recursos nas grandes companhias de produção e de distribuição de alimentos; XI - sistemas de ofertas de alimentos que excluem os pequenos agricultores, que produzem em menor escala.

A soberania alimentar deve ser incentivada pelos Estados Nacionais e Movimentos Sociais que almejam a Reforma Agrária e Justiça Ambiental para impulsionar a verdadeira independência econômica, política e cultural do povo brasileiro e latino-americano.

Conquistar a soberania alimentar é o maior desafio da humanidade nos tempos atuais, e é a grande lição que todos teremos que aprender: Agradecer o que vem da natureza, saber cultivá-la e se responsabilizar pelo que nela é produzido. Todas as crianças deveriam aprender esses conhecimentos tão essenciais na escola para passar de geração em geração, garantindo a sustentabilidade e a diversidade cultural do planeta.

A soberania alimentar ao mesmo tempo em que trava uma discussão ampla e profunda sobre a indústria de alimentos ela traz consigo a simplicidade do conhecimento popular, apresentando soluções viáveis para o governo. A soberania alimentar valoriza e incentiva a cultura e a sabedoria alimentar dos povos como forma de resistência a um modelo capitalista e neoliberal que nunca foi sustentável, pois sempre gerou excluídos e famintos.

Quando o alimento é produzido e consumido em sua localidade, respeitando seu *habitat natural*, o custeio de transporte é diminuído e os alimentos já não precisarão atravessar continentes para serem finalmente ingeridos. Através do estudo de caso no Recôncavo Baiano com as Mulheres do Candomblé do MST, podemos concluir que somente com a sabedoria popular de diferentes culturas é que poderá ser construída a soberania alimentar de cada região; assim economizando os recursos naturais, uma vez que vão ser economizados combustíveis, porque o deslocamento não será mais intercontinental.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Bahia de Todos os Santos**: guia de ruas e mistérios. Rio de Janeiro: Recorde, 1982.
- BADINTER, Elisabeth. **Um é o outro; relações entre homens e mulheres**. Tradução Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BARBARA, Rosamaria. **A dança das Aiabás**. São Paulo, 2002.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, SP, 2001.
- BRASIL. **Lei de Segurança Alimentar e Nutricional**, nº 11. 346, de 15 de setembro de 2006.
- CARNEIRO, Edison. **A sabedoria popular**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da fome** (o dilema brasileiro): Pão ou Aço. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- DEERE, Diana Carmen; LEÓN, Magdalena. **O empoderamento da mulher**: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina. Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2002.
- DOCUMENTOS POLÍTICOS DE LA VÍA CAMPESINA, 2008, p. 159). Disponível no site: http://www.viacampesina.org/sp/index.php?option=com_content&view=article&id=978%3Adocumentos-politicoslvc&catid=14%3Apublicaciones&Itemid=30. Acesso em 01.02.2010
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem 1876. In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Omega, [s.d.], v. II.
- ESTÉS PINKOLA, Clarissa. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FORUM MUNDIAL SOBRE SOBERANÍA ALIMENTARIA. **Por el derecho de los pueblos a producir, a alimentarse y a ejercer su soberanía alimentaria**. Declaración final. Havana, Cuba, 2001.
- FREITAS, Maria do Carmo Soares. Segurança alimentar e nutricional: a produção do conhecimento com ênfase nos aspectos da cultura. **Rev. Nutr.**, Campinas, 20(1):69-81, jan./fev., Salvador, 2007.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**, Buenos Aires: Catálogo, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 1997.

GOMES, Joaquim Benedito Barbosa. O uso da lei no combate ao racismo: Direitos difusos e ações civis públicas. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. HUNTLEY, Lynn. **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **A ordem econômica na constituição de 1988**. 12. ed. revista e atualizada São Paulo: Malheiros Editores, 2006.

HÄBERLE, Peter. **Hermenêutica constitucional: a sociedade aberta dos intérpretes da constituição**. Tradução de Gilmar Ferreira Mendes. Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris editor, 1997.

HUNTLEY, L. (Orgs.) **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

INSTITUTO de Gestão das Águas e Clima (INGÁ). **Justiça pelas águas: cultura, territorialidade e sustentabilidade**. Salvador: INGÁ, 2010.

IPHAN, **Samba de roda no recôncavo baiano**. Brasília, 2006.

JALIL, Medeiros Laetícia. **Mulheres e soberania alimentar: a luta para a transformação do meio rural brasileiro**. 198 fl., UFRRJ. Dissertação (Mestrado em Ciências), Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. 2009.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

LESSA, Natalie Coelho. Soberania alimentar no Recôncavo Baiano: as mulheres do candomblé e do samba de roda do MST na luta por justiça ambiental pelas terras e águas. **INGÁ** (Série Textos, Água e Ambiente), 2010.

LESSA, Natalie Coelho. **As mulheres do candomblé e do samba de roda no MST – A sabedoria popular na conquista pela soberania alimentar**. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Estudos Latinoamericanos) – Universidade Federal de Juiz de Fora e Escola Nacional Florestan Fernandes, Juiz de Fora, 2008.

LIGIÉRO, Zeca. **Iniciação ao candomblé**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2000.

MORENO, Camila; MITTAL, Anuradha. **Aliança do etanol: ameaça à soberania alimentar e energética**. Org. Terra de Direitos e Oakland Institute, 2008. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/38424410/Alianca-do-Etanol-ameaca-a-soberania-alimentar-e-energetica>. Acesso em 20 out. 2010.

PARÉS, Luis Nicolau. **A Formação do candomblé: história e ritual da nação Jeje na Bahia.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Flammarion: Edusc, 1998.

RELATÓRIO DE DERECHOS HUMANOS EM EL CAMPO LATINO-AMERICANO (Brasil, Guatemala, Honduras y Paraguay)- Red Social de Justicia y Derechos Humanos, SP, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES, Cecília C. Moreira. **Mulher negra na Bahia no século XIX.** Salvador: EDUNEB, 2007.

SUPERINTENDÊNCIA DE RECURSOS HÍDRICOS (SRH). Bahia. **Justiça pelas águas: enfrentamento ambiental.** Salvador: SRH, 2008. (Série de Textos Água e Meio Ambiente).

TURATTI, Maria Cecília Manzoli, **Os filhos da lona preta: identidade e cotidiano em acampamentos do MST.** São Paulo: Falameda, 2005.